

## IDENTIDADE E NEGRITUDE: O LEGADO DE FANON PARA O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL.

JEDERSON LUIS FERREIRA BORGES<sup>1</sup>;  
NUNO MIGUEL PEREIRA CASTANHEIRA;

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - [jederson.lf.borges@gmail.com](mailto:jederson.lf.borges@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [nuno.castanheira@ufpel.edu.br](mailto:nuno.castanheira@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise sobre as estratégias de enfrentamento frente à opressão colonial. Assim, o livro tece críticas ao capitalismo, ao racismo, ao patriarcado e outras formas de opressão que existem no mundo. Além disso, também destaca o sofrimento psíquico como resultado do processo de dominação que dita as normas a partir da violência latente voltada aos povos colonizados. Por esse motivo, a obra é um reflexo da emancipação das consciências, por meio da discussão sobre as práticas dominantes.

Inspirado por Fanon, este estudo busca compreender os mecanismos que englobam o processo de descolonização, levando em consideração o contexto pós-colonial. Desse modo, a análise centra-se no livro "Condenados da Terra", publicado em 1961, ano da morte do autor, considerado a principal obra que sintetiza seu pensamento, tecendo uma escrita magistral a partir das relações de poder como o racismo, o colonialismo e a rebeldia.

Ao abordar sobre a situação colonial, Fanon traz a política, sociedade e indivíduo como cerne de sua trajetória, demonstrando as estratégias e a repercussão do poder dominante, enquanto resultado da opressão e das práticas de dominação sob a lógica colonial européia, branca, violenta e racista, propondo assim, uma "descolonização do ser".

Segundo o autor, a descolonização se propõe a mudar a ordem do mundo que está em uma desordem absoluta, mas não pode ser apenas o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável, pois se trata de um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida e, muito menos, se tornar transparente para o discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo.

Nesse sentido, os "condenados da terra" são homens e mulheres negras que vivem em condições de vulnerabilidade, pobreza, miséria, exploração, enfrentando o frio, a fome, a sede, a dor e o silenciamento de suas vozes. Por essa razão, é necessário um mundo realmente humano, que preconize a igualdade, permitindo que essas pessoas se tornem protagonistas de sua própria história.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa relacionada ao livro "Condenados da Terra", de Frantz Fanon parte de uma análise histórica e crítica, pois o autor adota uma perspectiva marxista e psicanalítica, refletindo sobre como as relações de poder e opressão afetam a identidade e a resistência dos colonizados. Além disso, considera as condições sociais, políticas e econômicas das colônias, frutos do

colonialismo e do impacto na psique da população negra que sofreu por longas décadas com as práticas de opressão e submissão.

Desse modo, no presente estudo busca-se abordar as estratégias de enfrentamento à resistência, à colonização e a reconstrução da identidade do colonizado que tornou-se fragmentada ao longo de todo esse processo. Por meio de uma linguagem poética, Fanon tece uma relação crítica e interdisciplinar, incorporando discussões a partir da filosofia, psicologia, sociologia e história. Em suma, ele concede diversos exemplos de luta anticolonial para ilustrar suas teorias sobre o tema e construir uma nova identidade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A opressão colonial, como descrita por Fanon, apresenta múltiplas facetas. Em primeiro lugar, ele destaca que a desumanização dos colonizados se dá a partir do momento em que são tratados como meros objetos, afetando diretamente a sua integridade. Esta se manifesta em diversas esferas da vida humana como na cultura, literatura, psicologia, entre outros.

Nesse sentido, os colonizados são impelidos a internalizar a visão do colonizador, resultando assim em uma crise de identidade, já que o povo negro começa a se desconectar de sua cultura e suas origens para incorporar novos valores e então se adequar aos padrões concebidos pelo viés do europeu.

Por esse motivo, a violência é o eixo principal do colonialismo, pois as práticas de opressão aos povos colonizados é uma estratégia utilizada pelos colonizadores para manter o controle sobre a presente situação. Nesse sentido, o autor afirma que esta pode ser considerada não apenas um meio de opressão, caracterizada pelo apagamento das identidades, pela colisão entre duas ideias, mas também a força motriz que incentive a luta pela liberdade, pela igualdade e por uma sociedade mais justa.

Neste contexto, o primeiro capítulo do livro apresenta uma reflexão sobre os desafios do processo de descolonização e o impacto sofrido no pós-colonial. O autor afirma que “o mundo colonial é um mundo compartimentado” (FANON, 2022, p. 33). Demonstra, assim, um sistema que se reflete na divisão entre o mundo colonial, caracterizado pela supremacia branca e o decolonial, responsável por acarretar na desvalorização da figura do colono e do povo colonizado.

O autor ressalta que: “O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos. Sem dúvida é superfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e cidades européias, de escolas para indígenas e escolas para europeus, como é supérfluo lembrar o apartheid na África do Sul. Entretanto, se penetrarmos na intimidade desta divisão, obteremos pelo menos o benefício de pôr em evidência algumas linhas de força que ela comporta.” (FANON, 2011, p. 27).

Também destaca a importância do colonizado enquanto autor e protagonista de sua própria história. Entretanto, identifica a descolonização que atinge o ser, modificando-o totalmente, tendo em vista de que esta é capaz de transformá-los em seres espectadores marcados pela indiferença e pela insensibilidade, colhidos quase como um ato grandioso pela roda viva de gerações que os sucedem. De modo sucinto, afirma que: “A violência do regime colonial e a contra violência do colonizado se equilibram e se respondem numa homogeneidade recíproca extraordinária” (FANON, 2022, p. 85).

A cidade do colonizado, chamada medina, é considerada um lugar povoado por homens afamados, afinal não importa onde se nasce, nem como; nem como

ou de quê a pessoa morre em um mundo sem intervalos, em que há casas construídas umas sobre as outras. Segundo o autor, esta é uma cidade faminta, pois carece de pão, de carne, de sapatos, de carvão e de luz. Portanto, é o reduto em que os negros estão presentes e os olhares se entrecruzam, sejam de luxúria, de inveja ou de sonhos, configurando, por meio de arranjos e fronteiras geográficas pré-estabelecidas, a estrutura da sociedade colonizada.

O reflexo do contexto colonial está na realidade socioeconômica, nas desigualdades, nas diferenças de modos de vida e de se concebê-la a partir de seus valores. Verifica-se, assim, que o mundo é, antes de qualquer coisa, pertencer ou não a um determinado grupo ou espécie, considerada raça. Com isso, nas colônias, a infraestrutura é de igual modo uma superestrutura que abarca os indivíduos que estão ali reunidos e constituem o povo colonizado.

Romper com as barreiras deste modelo não significa que, após o rompimento das fronteiras, irão se abrir novos caminhos entre dois mundos, mas sim enterrá-la profundamente na memória ou expulsá-la do território. Assim, a discussão sobre o mundo colonial não se trata de um discurso universal ou um confronto direto de posicionamentos, mas a admissão de uma singularidade tida como absoluta, de caráter totalitário. Por essa razão, o autor afirma que “O mundo colonizado é um mundo maniqueísta” (FANON, 2022. p. 30)

O colonizado descobre que a sua vida, sua respiração, seus primeiros e últimos lapsos são os mesmos que os das outras pessoas. Além disso, ele também se dá conta que a cor de sua pele não vale mais do que a do colono ou de um indígena, vendo com maior clareza esse processo. E, por fim, segundo o autor: “Se, com efeito, minha vida tem o mesmo peso que a do colono, seu olhar não me fulmina, não me imobiliza mais, sua voz já não me petrifica. Não me perturbo mais em sua presença” (FANON, 2022. p 34)

#### **4. CONCLUSÕES**

Portanto, a violência colonial e as práticas de enfrentamento à opressão perpassam toda a discussão apresentada no livro, bem como ao longo de cada capítulo. Assim, considera-se que a ênfase se situa na opressão, colonização e, por conseguinte, desumanização do povo colonizado – o negro que foi e, ainda é, escravizado e colonizado nos dias atuais. Em outras palavras, esta se configura na alienação cultural, social e religiosa, pois os indivíduos oprimidos se conectam com a religião e com os rituais míticos que os permite consolidar a sua fé e crer na salvação do seu futuro.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.